

HOMENS PODEM SER FEMINISTAS? TESTANDO A INVARIÂNCIA DA ESCALA DE AUTOIDENTIFICAÇÃO FEMINISTA

Thais Emanuele Galdino Pessoa e Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB

INTRODUÇÃO

O feminismo é um movimento social e político que visa alcançar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, juntamente com a equidade de gênero em todas as esferas da sociedade (Hooks, 2000). No entanto, não se limita apenas às mulheres; diversas pesquisadoras, como Bell Hooks (2000), Chimamanda Ngozi Adichie (2014) e Maria Homem (2019), destacam a importância de incluir todos na luta contra a discriminação de gênero, questionando as estruturas patriarcais que historicamente privilegiaram os homens em detrimento das mulheres. Mas, como podemos identificar o envolvimento dos homens nesse movimento? Siegel e Calogero (2021), em uma revisão bibliográfica, apontam para a escassez de instrumentos psicométricos que meçam a identidade feminista e as crenças relacionadas, inclusive entre as mulheres. No Brasil, não existem instrumentos com esse propósito.

OBJETIVOS

Portanto, o presente estudo busca testar a invariância fatorial da Escala de Autoidentificação Feminista para uma amostra brasileira. Essa foi proposta inicialmente por Szymanski (2004), para homens e mulheres.

MÉTODO

Esse contou com 326 participantes (com número igualitário entre gênero feminino e masculino e com uma média de idade de 26 anos [DP = 15,34; EP = 0,85]). Em uma Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo realizada no JASP, utilizando o método de extração DWLS, foi testada a invariância da medida em três modelos, a saber: configural, métrico e escalar.

A Escala de Autoidentificação Feminista foi proposta inicialmente por Szymanski (2004) e validada para o contexto brasileiro por Pessoa e colaboradores (no prelo). Essa medida possui 4 itens buscando investigar crenças, identificação pública, identificação privada e apoio ao movimento feminista, que variam de 1 (discordo fortemente) e 5 (concordo fortemente).

Foi observada a invariância da medida em três modelos, a saber: configural, métrico e escalar. O modelo 1 (invariância configural) avaliou se a configuração da escala (número de fatores e itens por fator) era aceitável para ambos os grupos (masculino e feminino). Se o modelo não for suportado, a estrutura fatorial do instrumento não pode ser considerada equivalente para os grupos avaliados. O modelo 2 (invariância métrica) analisou se as cargas fatoriais dos itens poderiam ser consideradas equivalentes entre os grupos. O modelo 3 (invariância escalar) investigou se o nível de traço latente necessário para endossar as categorias dos itens (thresholds) eram equivalentes entre os grupos (Cheung & Rensvold, 2002).

RESULTADOS

Conforme pode ser visto na Tabela 1, os resultados acatam a invariância configural e métrica, porém não escalar, demonstrando que apesar da escala em questão ser uma medida equivalente para homens e mulheres, o que permite a comparação entre os grupos, a constante (ponto de partida) do traço identificação feminista não é equivalente entre os grupos. O que pode ser justificado pela trajetória do movimento, inicialmente liderado e destinado às mulheres, explica facilmente a maior adesão do gênero.

Invariância da medida	Goodness-of-fit indexes				
	RMSEA (90% IC)	SRMR	TLI	CFI	ΔCFI
ISB					
Invariância Configural	0,11 (0,03-0,19)	0,06	0,95	0,99	-
Invariância Métrica	0,05 (0,00-0,11)	0,07	0,99	0,99	-0,00
Invariância Escalar	0,09 (0,04-0,14)	0,04	0,97	0,97	+0,03

Tabela 1 - Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFMG)
Fonte: Autores.

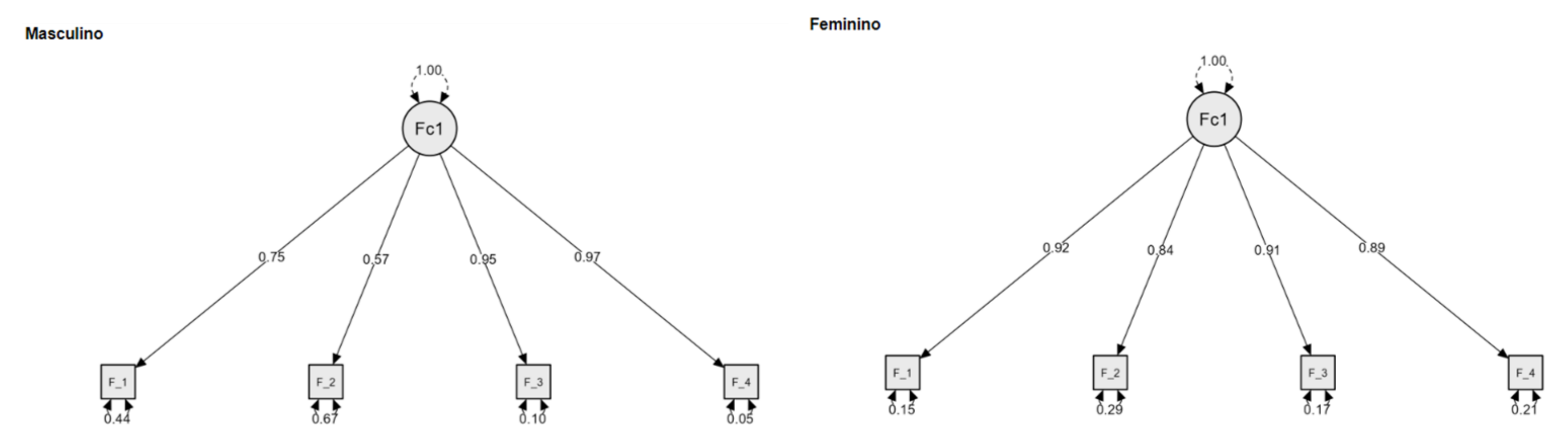


Figura 1 - Estrutural Fatorial entre gêneros
Fonte: Autores.

DISCUSSÃO

Sendo assim, o estudo busca trazer mais evidências de validade da medida para o contexto brasileiro, mas, além disso, joga luz na identificação de homens e apoio ao movimento feminista. Sobre os resultados, os índices mostram-se apropriados, como sugere Cheung e Rensvold, (2002), apenas para a plausibilidade da estrutural fatorial (configural) e a importância dos itens (métrica), contudo a constante entre gêneros não foi confirmada. Ressalva-se os valores para RMSEA que podem ter sido afetados pelos graus de liberdade do modelo (Kenny, Kaniskan & McCoach, 2014).

A respeito dessa ausência de equivalência escalar, tal resultado pode ser interpretado pela própria compreensão da trajetória histórica do movimento inicialmente proposto por mulheres e para mulheres, sendo inerente ao gênero feminino a maior adesão desse (Hooks, 2000). Apesar de que nem toda mulher é feminista, como apontam dados recentes da realidade brasileira (Instituto Update, 2022).

Tais evidências apoiam discussões relevantes da importância da implicação de todos, independente do gênero, para a mudança social e igualdade de gênero (Homem 2019; Precopio & Ramsey, 2017; Adichie, 2014). Até porque homens podem sofrer os efeitos nocivos do sexismo (Silva & Mel, 2021; Estevan Reina, 2020; Cihangir, Barreto & Ellemers, 2014).

CONCLUSÃO

Em suma, a escala apresenta uma nova evidência de validade para o contexto brasileiro. Tal estudo permite atestar a qualidade do instrumento para a mensuração da identificação feminista a partir do gênero feminino e masculino, reconhecendo a importância de novos estudos atestando equivalência para as demais identidades de gênero.

REFERÊNCIAS

- Adichie, C. N. (2014). *Sejamos todos feministas*. Editora Companhia das letras.
- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating Goodness-of-Fit Indexes for Testing Measurement Invariance. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 9(2), 233-255. https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5
- Cihangir, S., Barreto, M., & Ellemers, N. (2014). Men as allies against sexism: The positive effects of a suggestion of sexism by male (vs. female) sources. *Sage Open*, 4(2), 2158244014539168.
- Estevan Reina, L. (2020). El papel de los hombres como aliados contra el sexismo.
- Homem, M., & Calligaris, C. (2019). *Coisa de menina?: Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Papirus Editora.
- Hooks, B. (2000). *Feminism is for everybody: Passionate politics*. Pluto Press.
- Kenny, K., & Kaniskan, B. McCoach.(2014). The Performance of RMSEA in Models with Small Degrees of Freedom. *Sociological Methods & Research*, 8(1), 100-114.
- Precopio, R. F., & Ramsey, L. R. (2017). Dude looks like a feminist!: Moral concerns and feminism among men. *Psychology of Men & Masculinity*, 18(1), 78.
- Siegel, J. A., & Calogero, R. M. (2021). Measurement of feminist identity and attitudes over the past half century: A critical review and call for further research. *Sex Roles*, 85(5), 248-270.
- Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinities and mental distress: from personal care to fight against male sexism?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 4613-4622.
- Szymanski, D. M. (2004). Relations among dimensions of feminism and internalized heterosexism in lesbians and bisexual women. *Sex Roles*, 51, 145-159.
- Instituto Update. (2022, August 30). *Apenas três em cada dez brasileiras se dizem feministas, mas apoio a pautas de gênero é maior*. O Globo. <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2022/08/apenas-tres-em-cada-dez-brasileiras-se-dizem-feministas-mas-apoio-a-pautas-de-genero-e-maior.ghtml>